



n.5, jan-jun, 2015
Contracultura.

crítica | literatura | artes

jangada

ISSN 2317-4722

A representação da masculinidade no conto “Uma estória de amor”, de João Guimarães Rosa

Franciane
Conceição da
Silva

*Discente do Doutorado em Literaturas
de Língua Portuguesa da PUC Minas
e bolsista CAPES.*

Neste trabalho, pretende-se analisar a representação da masculinidade no conto “Uma estória de amor”, de João Guimarães Rosa, a partir de uma discussão sobre o personagem Manuelzão, um homem que, na narrativa, aparece como forte, destemido, corajoso, mas que dissimula suas angústias e inseguranças, para obter respeito e reconhecimento e por medo de ter a sua virilidade questionada. Fruto de uma sociedade machista e patriarcal, Manuelzão passa a vida toda dando provas de macheza e virilidade, agradando aos outros, mas violentando a si próprio. Para tal debate, lançaremos mão das teorizações sobre as masculinidades, especificamente os estudos de Badinter e Nolasco.

Palavras-chave: Literatura brasileira; João Guimarães Rosa; gênero; masculinidades.

O conto “Uma Estória de Amor” (1984), de João Guimarães Rosa, narra a história do vaqueiro Manuelzão, que resolve fazer uma festa de inauguração de uma pequena capela, na Samarra, terra que ele administra. Grande parte da narrativa gira em torno desse evento e, já no início do conto, o narrador anuncia, “Ia haver uma festa” (ROSA, 1984, p. 145). A partir de então, em meio aos preparos para a festa e também durante os festejos, Manuelzão, que é o protagonista e narrador da história, começa a refletir sobre a vida, especialmente, sobre duas questões que o angustia: o receio de conduzir a boiada, alguns dias depois da festa, pois presente que essa pode ser a sua última viagem; e a atração que sente por Leonísia, a esposa do seu filho Adelço. Em sua narração, Manuelzão recorda-se com frequência de sua mãe, Dona Quilina, que mesmo morta, surge como “uma ausência presente; é quem primeiro idealizou a capela e parece ser o verdadeiro motivo e a santa da festa” (BARROS, 1996, p. 33). Além dos familiares de Manuelzão, destacam-se na narrativa os personagens secundários, Joana Xaviel e o Velho Camilo, contadores de casos que se tornam importantes para o desenvolvimento da trama, sobretudo, o Velho Camilo, que assume um papel fundamental no desfecho do conto.

Nascido em uma família pobre, desde cedo Manuelzão teve que trabalhar. E é em função do trabalho que ele viveu e vivia. Além de lhe garantir o sustento, era através do trabalho que Manuelzão tinha conseguido ganhar o respeito do povo da Samarra. O trabalho tinha lhe proporcionado algumas conquistas, mas ele queria muito mais, por isso, até no dia da festa, não descansava, pois, de acordo com a sua filosofia, “Mais antes trabalhar domingo do que furtar segunda-feira” (ROSA, 1984, p.222).

O trabalho sempre ocupou um espaço primordial na vida de Manuelzão, que nunca fugiu de suas responsabilidades com o serviço. Para o vaqueiro, “o que há, de rente, de todo dia, é o trabalho. Trabalhar é se juntar com as coisas, se separar das pessoas” (ROSA, 1984, p.187). Com a força do seu trabalho,

Manuelzão conseguira vencer na vida, juntar um bom dinheiro e algumas posses, todavia, ainda não estava rico, continuava servindo ao patrão Federico Freyre. Acreditava, porém, que “algum dia ele podia deixar esses excessos de lado, enriquecido. Ah, os netos haviam de não carecer de burro serviço!” (ROSA, 1984, p. 231). Por isso, não descansaria até atingir a sua meta de tornar-se um homem de muitas posses.

Às horas, quando na boa mira dum sonho consentido, ele chegava mesmo a se sobre-ser, imaginando quase assim já fosse homem em poder e rico, com suas apanhadas posses. Um dia, havia de. Sempre puxara por isso, a duras mãos e com tenção teimosa, sem um esmorecimento, uma preguiça, só lutando. Ele nascera na mais miserável pobrezinha, desde menino pelejara pra dela sair, para pôr a cabeça fora d’água, fora dessa pobreza de doer. Agora, com perto de sessenta anos, alcançara aquele patamar meio confortado, espécie de começo de metade de terminar. Dali, ia mais em riba. Tinha certeza. E na Samarra todos enchiam a boca com o seu nome: de Manuelzão. Sabiam dele. (ROSA, 1984, p.150).

Para Manuelzão, e para a grande maioria dos homens, mais do que garantir o sustento e lhes permitir uma ascensão social, o trabalho funciona como ferramenta de afirmação da masculinidade. Segundo Sócrates Nolasco,

O trabalho e o desempenho sexual funcionam como as principais referências para a construção do modelo de comportamento dos homens. Desde cedo, os meninos crescem assimilando a ideia de que, com o trabalho, serão reconhecidos como homens. Para os homens, o trabalho tem uma dupla função para as suas vidas. A primeira é ser o eixo por meio de que se estruturará seu modo de agir e pensar. A segunda função é inscrever sua

subjetividade no campo da disciplina, do método e da violência, remetendo- os a um cotidiano repetitivo. (NOLASCO, 1993, p. 50).

Ao fazer um trabalho que lhe exigia força e comando, Manuelzão podia dar provas constantes da sua virilidade. Dessa forma, o trabalho lhe proporcionava vários benefícios: afirmar a sua masculinidade, realizar o seu sonho de enriquecer, conquistar o respeito dos moradores da Samarra, e mesmo que não afirme de maneira direta, o trabalho funcionava para Manuelzão como uma ferramenta de fuga, trabalhando ele podia ficar distante de Leonísia, sua nora, por quem sentia uma grande atração. Nesse sentido, é possível afirmar que,

O trabalho não está associado à noção de escolha e sim de fatalidade. Há uma crença de que o trabalho fará com que eles se encontrem consigo mesmos no momento em que conquistarem seus sonhos de felicidade, definidos a priori pela ideologia do consumo [...]. Para um homem que assume valores patriarcais, o trabalho, o afeto e o sexo estão misturados entre si, sendo que o trabalho ocupa o vértice desta tríade. (NOLASCO, 1993, p. 54).

Prestes a completar sessenta anos, Manuelzão nunca se casara, o filho Adelço era fruto de uma relação passageira. O trabalho sempre foi a sua prioridade. Vivendo numa rotina incessante, Manuelzão nunca tivera tempo para pensar em casar, construir uma família. Sua meta principal era ficar rico e o casamento poderia ser um grande entrave na realização dos seus objetivos, já que poderia impedi-lo de seguir o seu caminho:

Ele Manuelzão nunca respirara de lado, nunca refugara de sua obrigação. Todo prazer era vergonhoso na mocidade de seu tempo. Tempos duros, que o Adelço de certo não tinha conhecido. Leonísia era uma fonte d'água bonita, o Adelço não se desamarrava de perto dela. Casar, assim, era fácil! Ah, mas fosse querer saber dos passados.

Antigamente era antigamente. [...] Ali mesmo, na Samarra. [...] Tudo se castigava comedido assim – quem cantava não dançava. [...] Por mesmos, ele Manuelzão não tinha se casado. Macaco não tem dois gestos: assoviar e pular do galho... Pegara o agrado de mulheres acontecidas, para o consumo do corpo: esta-aqui, você-ali, maria-hoje-em-dia – eram gado sem marca, como as gariobas, sem dono, do cerrado. Nem não moravam dentro das terras de seu serviço. E ele nunca se descuidara de não gostar demais delas. Isto é, às vezes, tinha gostado. Tinha até chorado, lágrimas, dessas que violão toca. Mas a roda da vida empuxava. Carecia de estreitar os desejos, continuar seus caminhos. O destino calça esporas. Tantamente, agora, já estava melhorando de vida. Surgia com uns fiozinhos brancos se entremeando no baixo do cabelo, que muito aumentavam. Mas, ali na Samarra, ele feito se fazia. Separava suas cinquenta vacas, e uns oito entre burros e cavalos, só dele. De bom alarde. (ROSA, 1984, p.187-188).

Em seu discurso, Manuelzão afirma que o fato de não ter se casado, permitiu que ele prosperasse na vida. Nunca tivera uma esposa, mas a dedicação ao trabalho lhe permitiu obter dinheiro e poder, que poderiam lhe garantir uma velhice tranquila. Ao falar desse assunto e demonstrar que o casamento poderia ter lhe impedido de ascender socialmente, Manuelzão se compara a Acizilino, velho companheiro de trabalho, que se casara ainda jovem. Segundo o vaqueiro, era “engraçado de se pensar: ele Manuelzão nunca se casara, mas, agora, constituía de patrão. E o Acizilino, mesmo velho companheiro amigo, como sendo, para ele trabalhava de empregado” (ROSA, 1984, p.169).

Ao analisarmos a fala de Manuelzão, quando ele explica o motivo de não ter casado, em um primeiro momento, podemos aceitar essa justificativa sem questionar. No entanto, ao colocar o

trabalho à frente de qualquer outro desejo, Manuelzão tenta reduzir a crítica sobre ele mesmo. Quando fazemos uma análise mais profunda do discurso de Manuelzão, passamos a desconfiar de que o pretexto utilizado por ele, de que o casamento poderia ser um entrave para a realização dos seus sonhos, na verdade, pode esconder o seu temor de se apaixonar e investir em relação mais duradora. A paixão poderia torná-lo dependente de uma mulher, o que seria um sinal de fraqueza, algo inadmissível para um homem como ele. Esse medo dos homens demonstrarem fragilidade e comprometerem a sua virilidade, é assim explicado por Elisabeth Badinter: “Tradicionalmente, a masculinidade se define mais ‘por evitar alguma coisa [...] do que por desejar alguma coisa’. Ser homem significa *não* ser feminino; *não* ser homossexual; *não* ser dócil; dependente ou submisso; *não* ser afeminado na aparência física ou nos gestos; *não* ter relações sexuais nem relações muito íntimas com outros homens; *não* ser impotente com as mulheres”. (BADINTER, 1993, p. 117).

O fato é que mesmo afirmando a todo tempo a sua força e virilidade, Manuelzão tem dificuldade de lidar com as mulheres, pois, de algum modo, elas o intimidam. No momento em que as mulheres se juntam em sua casa para organizarem os preparativos para a festa, Manuelzão fica incomodado e demonstra certa insegurança em relação as mesmas:

Mas Manuelzão menos entendia o mover-se das mulheres, surgidas quase de repente de toda parte, muitas ele nem conhecia. Mau o acordo com que elas se juntavam, pareciam batalhão de mutirão. À sonsa, queriam afastá-lo? Enquanto fora obra de roçar a marca, torar madeira e carrear o material, fincar os esteios, e terminar- ele mestrear. Mas entre homens, seus homens. Agora, as mulheres tomavam conta. E ele ia ter algum jeito? [...] Depois, tomava cuidado de dirigir-se a Leonísia, ou a alguma dos vaqueiros. Ainda essas, sem perder-lhe o respeito, em curto respondiam,

meio sem paciência, pareciam só pertencentes ao bando de todas. Não, ninguém lhe faltaria com o respeito, ali na Samarra ele era o chefe. (ROSA, 1984, p.146).

Das mulheres que incomodam e intimidam Manuelzão, destaca-se Joana Xaviel, uma contadora de estórias que vivia de fazenda em fazenda, e que ao contar suas estórias encantava a todos à sua volta:

Joana Xavier demonstrava uma dureza por dentro, uma inclinação brava. Quando garrava a falar as estórias, desde o alumeio da lamparina, a gente recebia um desavisado de ilusão, ela se remoçando beleza, aos repentes, um endemônio de jeito por formosura. Aquela mulher, mulher, morando de ninguém não querer, por essas chapadas, por aí, sem dono, em cafuas. Pegava a contar estórias – gerava torto encanto. A gente chega se arreitava, concebia calor de ir com ela, de se abraçar. As coisas que um figura, por fastio, quando se está deitado, em catre, e que, senão, no meio dos outros, em pé, sobejavam até vergonha! De dia, com sol, sem ela contando estória nenhuma, quem vê que alguém possuía perseveranças de olhar para a Joana Xaviel como mulher assaz? Todo o mundo dizendo: que Joana Xaviel causava ruindades. Se não produzia crime nenhum, era porque não tinha estado, nem macha força e era pobre demais. Nem nunca fora casada mesmo com ninguém. Culpavam que matara o veredeiro, de longe, só por mão de praga de ódio, endereço de raiva sentida. (ROSA, 1984, p. 182).

Diferente das outras mulheres do lugar, casadas e dependentes do marido, Joana Xaviel é uma mulher livre, que nunca se casara e que vive à custa da bondade alheia. Mesmo sendo pobre e aparentemente sem muitos atributos físicos, Xaviel

seduzia a todos os homens quando começava a contar suas histórias. Mesmo sentindo um grande desprezo pela contadora de estórias, Manuelzão também se sente atraído por ela, por isso, prefere manter-se distante dessa. Joana Xaviel é brava, corajosa, destemida, mesmo apresentando uma aparência frágil, demonstra uma “dureza por dentro”; Manuelzão, ao contrário de Joana, mesmo apresentando-se como homem rígido e seguro de si, no fundo era um homem inseguro e angustiado. Numa leitura possível, podemos pensar que, de algum modo, Joana Xaviel é aquilo que Manuelzão gostaria de ser e\ou ter sido, talvez, por isso, ela lhe provoque tanta repulsa. Esse comportamento de Manuelzão em relação à Joana Xaviel confirma a seguinte teoria: “Quanto mais se sentem em posição de perigo em suas relações com as mulheres, mais os homens têm necessidade de humilhá-las e de se apropriar delas...” (HEFEZ, 2013, p. 115).

Manuelzão, que sempre teve certo receio das mulheres, ao conhecer Leonísia, sua nora, passa a viver um dilema entre o temor e o desejo. Leonísia, a esposa do seu filho Adelço, reunia em si todas as qualidades que ele admirava em uma mulher. Ela era bonita, gentil, caridosa, e tinha agradado a sua mãe, Dona Quilina: “à mente, a mãe de Manuelzão reconhecia o tamanho da alma de toda pessoa, no disparo de um olhar. Sobre Leonísia, ela redisse: - “Esta procede produzido de si, certa no esquecível e no lembrável...” - e não dosou o bem-querer”. (ROSA, 1984, p.177). Ao conhecer uma mulher com tantas qualidades, Manuelzão começa a pensar em casamento. “Por certo ainda podia se casar, tinha forças e parecer para isso? Soubesse de achar uma moça de igualha de formosura, da simpatia de Leonísia, sim, casava” (ROSA, 1984, p.195).

Esse pensamento de Manuelzão, em relação ao casamento, é uma atitude reproduzida pela maioria dos homens, até os mais progressistas, que costumam dividir as mulheres em dois grupos distintos: algumas mulheres são apenas para o prazer, outras são para casar. Quando analisamos o discurso de Manuelzão, quando esse se refere às mulheres, essa teoria se torna ainda mais

evidente. Em um primeiro momento, ao falar das mulheres com as quais se envolvera, Manuelzão afirma que nunca quis aprofundar suas relações, porque tais mulheres eram “acontecidas, para o consumo do corpo: esta-aqui, você-ali, maria-hoje-em-dia – eram gado sem marca, como as garirobas, sem dono, do cerrado” (ROSA, 1984, p.187-188). Em síntese, não eram mulheres para se casar, serviam apenas para satisfazer os seus desejos. Leonísia, no entanto, pertencia à outra categoria de mulheres, ideal para casar e para “conceder qualquer felicidade sincera” (ROSA, 1984, p.183). Ao analisar esse comportamento dos homens, que costumam dividir as mulheres entre “santas e putas” Sócrates Nolasco, concluiu que:

Os homens procuram mulheres meio santificadas para tomarem como esposa, e mulheres diferentes das primeiras para obterem prazer. De forma sucinta, os homens tendem a ser os filhos da santa e os homens da puta. O que faz com que a moral sexual masculina seja ambígua no que concerne às mulheres. (NOLASCO, 1993, p. 69).

Todavia, não é apenas as mulheres que Manuelzão divide em duas categorias, ao se referir aos homens, Manuelzão também os dividiu em dois grupos: os que são homens e os que deixaram de ser. Para tal divisão, o vaqueiro utilizou como critérios a idade e a potência sexual dos homens, ou seja, quanto mais velhos os homens ficam, menos potência sexual eles têm, conseqüentemente, tornam-se menos homens. Podemos entender essa questão com mais clareza, quando analisamos o discurso de Manuelzão, quando esse se refere ao Velho Camilo e ao Senhor do Vilamão, homens que já passaram dos oitenta. Ao falar desses personagens, Manuelzão afirma que por estarem com uma idade mais avançada e, por talvez, não terem uma vida sexual ativa, esses homens tinham deixado de ser homens. Podemos confirmar essa assertiva com fragmentos do conto. Desconfiado de uma suposta relação entre o Velho Camilo e Joana Xaviel, Manuelzão faz o seguinte questionamento: “E o velho Camilo? Com margens

de oitenta anos, podia ainda como homem?” (ROSA, 1984, p.183). O mesmo ocorre quando se refere ao Senhor de Vilamão, homem de idade avançada tal qual o Velho Camilo:

O senhor de Vilamão já estava quase cego, tão velhinho para andar, parecia todo de vidro [...]. Assim mal enxergava as pessoas, só supunha. Mas aquele se inteirava mesmo ancião, reperdido na palha de uma velhice. Assim, mal enxergava as pessoas, só supunha. Mas representava os altos gestos, talento de suncitos, o estado-mor de fidalguia. Tão esvaziado de si, de ser homem, não tinha mais os temperos do corpo. O que persistia nele era o molde de muito aprendido. (ROSA, 1984, p.163).

Essa atitude de Manuelzão, de duvidar da masculinidade do Senhor de Vilamão e do Velho Camilo, em função da velhice de ambos, é típica das sociedades patriarcais. Nessas sociedades, a definição de masculinidade está ligada diretamente à potência sexual dos homens, ou seja, esses são considerados mais ou menos homens de acordo com a quantidade de mulheres com as quais se relacionam sexualmente. Desse modo, a partir do momento em que os homens diminuem a sua atividade sexual, em função da idade ou de algum problema físico ou psicológico, sua masculinidade começa a ser questionada. Nesse contexto, podemos considerar que, nas sociedades patriarcais, o desempenho sexual masculino cumpre um duplo papel: serve como um canal em que os homens podem extravasar as suas tensões latentes, além de garantir o atestado de virilidade. Assim,

Do modo como os homens são socializados, dificilmente a experiência sexual é decorrente de uma experiência de encontro em que o prazer de um está remetido ao prazer do outro. [...] A liberdade sexual masculina é uma força que se sustenta por sobre um sentimento de independência alienante, remetida a uma

expectativa social definida à revelia dos próprios homens. Assim, crescem receosos e inseguros de terem que, a priori, garantir performance sexual excelente. (NOLASCO, 1993, p. 70 -71).

O machismo obriga os homens a terem que assumir um constante estado viril, a provarem sua masculinidade a todo custo, a representarem o papel do macho alfa, cheio de força e potência. Essas exigências se configuram como uma violência contra os homens, que se tornam vítimas do próprio sistema que ajudou a criar. Fruto dessa sociedade machista e patriarcal, Manuelzão reproduzia o discurso que predominava no espaço em que fora criado. Desse modo, conquistara respeito e o reconhecimento de sua grandeza, “todos o olhavam com admiração e aspecto” (ROSA, 1984, p.169). No entanto, ter de representar sempre o papel do macho viril, às vezes, incomodava o vaqueiro. “Faço e faço, mas não tem outro jeito: não vivo encalcado, parece que estou num erro... Ou que tudo o que eu faço é copiado ou fingimento” (ROSA, 1984, p.239).

Manuelzão é um homem com suas angústias e fraquezas, mas, vivendo em um espaço em que se exige dos homens uma constante postura de virilidade, acaba por suprimir os seus sentimentos, violentando a si mesmo. Assim, para atender às expectativas da sociedade, os homens mutilam a sua identidade, violentam a si mesmos. Isso nos leva a concluir que esse modelo de homem hiperviril, “desmatriciado, desfeminizado, é a fonte de uma verdadeira doença de identidade que está na origem de uma dupla violência: aquela que agride aos outros e aquela que se volta contra o próprio indivíduo” (BADINTER, 1993, p. 145).

Manuelzão é uma personagem fictícia, no entanto, a angústia vivida por ele atinge a maioria dos homens reais, que criados para serem “machos de verdade” sofrem por terem que esconder seus medos, angústias e anseios. Dessa forma, a fim de não frustrarem as expectativas dos outros, acabam frustrando a si próprios. Nesse sentido, faz-se necessário que os pais e mães

revejam a forma como criam os seus filhos, e mais do isso, é necessário redefinirmos o conceito de masculinidade, pois,

Nossa definição de masculinidade é muito estreita. Abafamos a humanidade que existe nos meninos, enclausurando-os numa jaula pequena e resistente. Ensinamos que eles não podem ter medo, não podem ser fracos ou se mostrar vulneráveis, precisam esconder quem realmente são – porque eles têm que ser, como se diz na Nigéria, homens duros. [...]. Mas o pior é que, quando os pressionamos a agir como durões, nós os deixamos com o ego muito frágil. Quanto mais duro um homem acha que deve ser, mais fraco será seu ego. (ADICHIE, 2014, p. 32-33).

Ao analisarmos o fragmento acima, podemos afirmar que tentando seguir à risca o modelo de masculinidade que lhe foi ensinado, sem poder demonstrar fraqueza ou vulnerabilidade, Manuelzão acabou se transformando em um homem durão, mas de ego frágil. Desse modo, no decorrer da narrativa, à medida que vamos conhecendo o perfil de Manuelzão, passamos a perceber que mesmo que ele queira se mostrar como um homem forte e destemido, em muitos momentos, ele se apresenta como um indivíduo perdido e inseguro.

No final da narrativa, concluímos que Manuelzão é um homem que vindo de família pobre, desenvolve uma verdadeira obsessão pelo trabalho, com a intenção de ficar rico, além de garantir um atestado viril. Por causa do trabalho, Manuelzão se priva dos momentos de lazer, pois sendo “homem de ponto. Só o triunfo de rebentar as durezas – não podia retreta de vadição” (ROSA, 1984, p.178). Desse modo, o trabalho ocupa todos os espaços na vida de Manuelzão, e é através dele que o vaqueiro se refugia dos problemas que o atormentam.

Além de ser um obcecado pelo trabalho, Manuelzão, conforme já falamos, é um homem que teme às mulheres, pois se sente intimidado por elas, e talvez por isso tenha chegado à

velhice sem ter se casado. No entanto, ao conhecer Leonísia, esposa de Adelço, seu filho, Manuelzão desenvolve uma atração não formulada pela nora, ao mesmo tempo passa a desprezar Adelço, talvez na tentativa de sentir-se menos culpado pelo desejo que sentia pela esposa do próprio filho. Além de Adelço, Manuelzão também despreza Joana Xaviel, mulher livre e independente, famosa pelas suas estórias que a todos encantam, inclusive a Manuelzão. Além de ser uma grande contadora de estórias, Joana Xaviel é uma mulher forte e ousada, o que nos faz desconfiar que justamente por isso Manuelzão a despreze tanto, uma vez que, a força de Joana faz com que ele reconheça a sua fraqueza, pois “são as manifestações de medo ou rejeição à mulher que acompanham a fragilidade masculina” (BADINTER, 1993, p. 129).

Diante do exposto, podemos concluir que Manuelzão é um homem que aos olhos do povo da Samarra aparece como forte, destemido, corajoso, mas que dissimula suas angústias e inseguranças, para obter respeito e reconhecimento e por medo de ter a sua virilidade questionada. Fruto de uma sociedade machista e patriarcal, Manuelzão passa a vida toda dando provas de macheza e virilidade, agradando aos outros, mas violentando a si próprio.

Assim, ao final da narrativa, depois de ouvir a estória do “Boi Bonito”, contada pelo Velho Camilo, Manuelzão vence o seu receio de conduzir a boiada, “recupera sua força e coragem, perdidas na longa caminhada, reconcilia-se com Adelço, abraça-se com todos e pode partir para a última viagem. Daí a mais quatro dias” (BARROS, 1996, p. 50). Nessa viagem, talvez Manuelzão encontre uma mulher como Leonísia, talvez encontre a morte, mas, quiçá tenha um encontro ainda mais importante, um encontro pelo qual esperou por toda a vida: o encontro consigo mesmo.

Referências

- ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **Sejam todos feministas**. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.
- BADINTER, Elisabeth. **XY: sobre a identidade masculina**. Trad. Maria Ignez Duque Estrada. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993.
- BARROS, Maria Heloísa Noronha. A viagem de Manuelzão. In: **Miguilim e Manuelzão viagem para o ser**: (um estudo de dois contos de Guimarães Rosa). Belo Horizonte: Valci, 1996.
- HEFEZ, Serge. **Homens no divã**: relatos sobre a crise de identidade masculina. Trad. Iraci D. Poleti e Regina Salgado Campos. Rio de Janeiro: Benvirá, 2013.
- NOLASCO, Sócrates. **O mito da masculinidade**. Rio de Janeiro: Rocco, 1993.
- ROSA, João Guimarães. "Uma estória de amor". In: **Manuelzão e Miguilim**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.